

A CRISE DE HABITAÇÃO

Vai a Câmara Municipal procurar intervir neste assunto — o da crise de habitação. A proposta sobre a qual vai recair a discussão não resolve porém a dificuldade. Que incentivo dá a Câmara para a construção? A venda do terreno e a um ou outro a construção feita por conta da Câmara e o pagamento em prestações. Isso não nos parece o bastante para facilitar a rápida construção das inúmeras habitações que são necessárias.

Um dos defeitos da proposta é dar-se aos aglomerados dessas habitações o carácter de bairros económicos, com o seu inevitável aspecto de miséria. Além disso para a construção desses bairros são primitivamente precisas tantas obras que receam muito que se percam alguns anos com os preliminares sem que se construa uma única casa. O exemplo dos bairros sociais é bem frisante: ainda hoje lá não vive ninguém e já passaram alguns anos desde que as construções se iniciaram.

Mas a proposta inclui um erro gravíssimo e é a perseguição movida aos hóspedes, que já a lei do inquilinato cometeu. E assim mesmo.

Chega a ser inaceitável, que ao estabelecer-se restrições aos inquilinos de sub-arrendarem, ninguém repare que o mais prejudicado é precisamente o desgraçado que tem de sujeitar-se a tomar de arrendamento um quarto ou parte de casa.

O que se estabeleceu na lei do inquilinato e o que aparece agora nessa proposta à Câmara Municipal tem esta deplorável consequência: auxiliar a especulação dos sublocadores dos prédios onde, com consentimento do senhorio ou em certos casos da lei do inquilinato, eles possam exercer essa especulação. Não se comprehende isto. Nos países onde há crise de habitação, na Alemanha por exemplo, impõe-se a obrigação de admitir hóspedes. Na Alemanha regulamentou-se mesmo

Isto e o tal carácter de bairros miseráveis dado a essas construções são os dois pontos mais censuráveis da forma como se pretende resolver o problema. Porque a verdade é que desde que se construa em grande quantidade e por toda a parte, não há necessidade nenhuma em fazer bairros para a pobreza e obrigar os que dispõem de poucos recursos a ir viver à parte do resto da população.

Construir está bem. Mas por toda a cidade indistintamente e dando a Câmara todas as facilidades aos que possam dispor de dinheiro e construindo por sua própria conta os que não disponham de capital. Tudo quanto não seja isto são planos... que não passarão de planos.

Para vergonha desta República

O tuberculoso que está incomunicável na esquadra do Caminho Novo já não pode comer devido a terem-se-lhe agravado os padecimentos

Que diz a isto a Liga dos Direitos do homem?

Os presos que se encontram na esquadra do Caminho Novo, a pesar da ilegalidade da sua situação permanecem naquela moderna Bastilha há mais dum mês num regime de incomunicabilidade. São 12 operários que os felinos instintos dos «xavieiros» do governo civil para ali arremessaram sem respeito pelas mais rudimentares normas jurídicas, pelo mais elementar princípio de humanidade.

Chegou-se ao extremo. Nem a lei já serve para regular o delírio dos modernos verdugos, nem já o respeito pela vida neutraliza a sua ferocidade. A omnipotência da polícia é mais soberana do que todos os princípios estabelecidos através de lutas heróicas, através gerações.

Entre os presos da esquadra que nos estamos referindo encontra-se o operário metalúrgico José da Silva, com uma tuberculose bacilar em adiantado estado. Nos países reacionários a este inteliz seria dado destino, hospitalizando-o, não só para lhe amenizar a existência com o tratamento conveniente, como ainda para perservar os seus companheiros de cárcere dos perigos contagiosos. A polícia de Lisboa, com outras noções de civilidade não pensa assim. Se o preso morrer enterra-se, não se pergunta, no entanto, à família o direito de poder realizar o funeral à sua vontade, com a imponência que muitíssimo bem entender. Os funerais de Diamantino da Anunciação e de Domingos Pereira assim o provaram, não somos nós que o inventamos.

Sob este triste destino vive — que ironial — o inteliz José da Silva há mais de um mês. Próximos há cerca de 40 dias, depois dum estagio de 14 dias no leito em virtude da doença, encontra-se naquela fossa, que por escarnio se chama calabouço, semi-assistência médica, sem um único carinho, um único lenitivo. Sua pobre companheira não o pode ver, não pode prodigalizar-lhe o necessário tratamento que pelo menos lhe suavize o sofrimento.

Quando capturaram este temível «legiãoário» encontrava-se na esperança de ser internado no hospital para se tratar. Com dificuldade caminhava. Para o removerem para o governo civil os bárbaros agentes arrancaram-no do leito e em braços conduziram-no para uma camionete que o levou à rua Capelo.

No próprio gabinete do sagaz Xefe, José da Silva teve que ser amparado para não cair-lhe a sua debilidade. Insensivel o Xefe viu aquele cadáver ordenando a sua remoção para a esquadra do Alto do Pina que verte água pelas paredes. Depois de dois dias naquela estanca o «legiãoário» foi para o Caminho Novo para convalescer sobre o olegado!

Desde que se encontra naquela vala humana foi José da Silva auscultado por um

o número de divisões que cada família em proporção com os membros que a constituem, poderia reservar para si.

Não quereríamos isso. Essa obrigação é uma violência, pois admitir hóspedes é muitas vezes admitir dentro de casa pessoas que não são de confiança. Mas também não podemos concordar exactamente no oposto: a proibição de sublocar um quarto ou parte de casa, impossibilitando assim o atenuar-se a crise de habitação e reduzir-se a especulação que se faz com os próprios hóspedes. Que se estabelecessem restrições e certas medidas para os inquilinos que subarrendem por preços mais elevados do que o que deveriam receber proporcionalmente, estava bem e era um critério justo. Mas proibir completamente a sublocação é um absurdo.

A proposta apresentada à Câmara Municipal repete essa estúpida disposição da lei do inquilinato. Vê-se bem que os pobres dos hóspedes que não podem conseguir nunca mandar fazer uma casa, mesmo nos bairros pobres da Câmara Municipal, não foram dignos da atenção do autor da proposta.

Isto e o tal carácter de bairros miseráveis dado a essas construções são os dois pontos mais censuráveis da forma como se pretende resolver o problema. Porque a verdade é que desde que se construa em grande quantidade e por toda a parte, não há necessidade nenhuma em fazer bairros para a pobreza e obrigar os que dispõem de poucos recursos a ir viver à parte do resto da população.

Construir está bem. Mas por toda a cidade indistintamente e dando a Câmara todas as facilidades aos que possam dispor de dinheiro e construindo por sua própria conta os que não disponham de capital. Tudo quanto não seja isto são planos... que não passarão de planos.

A CONQUISTA DO PENACHO

Estamos em pleno golpe de Estado

António Maria da Silva, recusando-se a obedecer às indicações do parlamento e do chefe do Estado, está governando inconstitucionalmente

Os políticos vão envolver-se em desordem — e o proletariado não tem nada com isso...

Um jornal diário, como *A Batalha*, tenta de vez de desempenhar-se de missões benéficas. Somos forçados a informar a massa operária, o proletariado, dos acontecimentos políticos que vêm desenrolando-se no país.

Já ontem dissemos que o sr. António Maria da Silva se encontra na disposição de não largar o poder. A votação da Câmara dos Deputados indicou-lhe o caminho da demissão. Ele não se conformou. A sua esperança estava ainda na possibilidade do chefe do Estado lhe conceder a dissolução do parlamento. Convinha-lhe a dissolução para manejear as próximas eleições a favor da facção conservadora do Partido Democrático, convinha-lhe a dissolução para ser o ditador em Portugal, para favorecer as forças vivas que o odiam com simpatia.

O presidente da república, porém, dentro dos princípios que pretende observar e manter, recusou-lhe a dissolução parlamentar. Restava, portanto, a António Maria o caminho da demissão. Desautorizado pelo parlamento pelo chefe do Estado, só essa atitude poderia escolher. Tentar em manter-se no poder, contra a vontade das duas entidades supremas — o parlamento e o chefe do Estado — é assumir uma atitude revolucionária, pouco justificável numa criatura que fala tanto de ordem. Pois foi precisamente pelo caminho da desordem que António Maria da Silva enveredou. Mantém-se no poder, mantém-se no governo.

Desde ontem à tarde, desde que o chefe do Estado lhe recusou a dissolução que o actual governo se encontra numa posição de ilegalidade, de absoluta hostilidade contra os chamados poderes constituidos. Estamos, pois, devidos às ambições odiosas dum homem, nas vésperas de gravíssimos acontecimentos. O Parlamento e o chefe do Estado indicaram ao governo, pelos processos normais, a imediata demissão. E o governo fez de conta que tais indicações não existiam. E, quanto a nós, parece-nos que o chefe do Estado, seguindo como tem seguido sempre a letra da lei e da Constituição, poderia imediatamente iniciar as consultas da praxe para a formação do novo governo. E se os ministros teimam persistissem em não largar o que não lhes pertence... mandámos-lhe prender, que é o que se costuma fazer a quem se atribui cargos oficiais para que não fio nomeado.

Mas a realidade da actual situação política cifra-se nesta frase: estamos em pleno golpe de Estado, embora um presidente da República, que já não manda, esteja no seu palácio, e um Parlamento que não é obedecido, continue aberto.

Claro que esta melindrosa situação não pode manter-se. Estamos à beira de mais uma revolução. António Maria empurrou os acontecimentos para a estra da violência — e a violência é inevitável.

Vai o proletariado assistir a mais uma revolução política, sem objectivos altos, sem intuições sérias, sem razões de verdadeiro interesse para o país.

Nessa revolução há apenas uma entidade que vai, mais uma vez, perder — o povo. O povo pagará tudo, o povo será atingido pelas balas que o procurarão, já tem sucedido, em sua propria casa, o povo será a eterna vítima.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberdades a conquistar.

Não tem o proletariado que intervira na luta que vai travar-se, excepto na parte que se refira à defesa das suas regalias escassas de classe explodida.

O resto — com elas. Querem o penacho? Que lutem para conquistá-lo, que se matem uns aos outros, que se insultem e aniquilem mutuamente. E lá com elas. Nós só temos de pedir-lhes contas pelos prejuízos que suas lutas baixas, rasteiras, isentas de ideal, venham a causar ao povo — única entidade que tem direitos definidos e autênticas liberd

Popular Portuguesa vem realizando. A tecnologia, a competência, a bela orientação dos seus dirigentes, traduz-se constantemente em factos.

A expansão desse estabelecimento de ensino torna-se dia a dia maior. Vai já a vários pontos de Lisboa e tem um raião de ação educativa que lhe dá margem a difundir o saber humano em vários dos seus aspectos mais úteis e mais modernos.

Sabe-se, em Portugal, dos mil e um esforços com que preparam os educadores que uma obra sincera e útil resolvem realizar. A inveja, a oposição doutrinária, a luta de interesses, tudo isso que constitui a essência da guerra ao esforço dos que trabalham desinteressadamente, torna muito, ergue-se inexorável e não tarda que os empenhados na obra sã e aproveitável, sejam na contingência de sossobrar, e quantas vezes, o que é pior, de arriar caminho!

Os directores da Universidade Popular, não conhecendo desanimos, não se assustando com entraves, continuam a caminhar... é tudo.

Orienta foi um Sérão de Arte Religiosa que constituiu a audição. Está bem. Todos temos conhecimento do papel que a religião desempenhou na arte e o cronista imparcial não pode deixar de constatar os aspectos interessantes que a arte mistica tornou na evolução da mentalidade humana.

O que é preciso é que da simples constatação de factos, se não caia na hossana, no elogio de uma ou de todas as correntes religiosas, só porque a arte lhes anda ligada.

As manifestações do gênio artístico que, mercê das circunstâncias e do tempo, irromperam através de diversas modalidades estéticas, têm que ser registradas fora da intenção doutrinária, têm que ser sentidas independentemente do conceito errado e deletério que lhes deu origem. Uma página em pedra ou em música que traduz um acontecimento de caráter guerreiro, ou religioso, para ser apreciado tem sómente de ser visto pelo lado da estética abstraiendo politicamente da causa que o determina. Quanta beleza ao serviço dum na Caixa, quanta arte em obediência a uma ideologia errada, ou fúnesta!

Aproveitar porém a arte que ocasionalmente irradia, para valorizar princípios falsos, ou para incensar tendências pelo menos iníquas, é falso a diretriz da Arte, e capiosamente misturar a obra do artista com a propaganda doutrinária.

Por esse processo o pintor que reproduzisse uma cena execravel, estaria irremediavelmente condenado a passar perante nós como cíplice daquele que reproduziria e até a beleza da Verdade da obra sob o ponto de vista artístico implicaria a sanção da sô porque o autor pôs a sua alma de artista, na pintura. Pintar a alma das coisas, pôr na música o interior da vida, não deve nunca servir de pretexto para a justificação do que deu origem à manifestação de arte.

Vêm estas considerações a propósito da conferência do distinto crítico de arte, António Arroio, que a par da sua erudição muito bem poderia ter colocado nesta ordem de ideias a orientação do recital, sem necessidade de fazer a apologia de Divindades e chegar até a conclusão que se não pode viver sem uma religião. A conferência valeu por isso muito quando se limitou só campo puramente educativo e prejudicou os interesses da Universidade Popular, quando desceu à justificação de doutrinas e de profissões de fé de artistas, alguns dos quais não sabemos se, vivendo hoje, pensaram da mesma maneira.

Sobre o cumprimento do recital não há senão que elogiar a forma como ele foi organizado e a boa execução que lhe deram as sr.ªs D. Maria José Borges, D. Pilar Sérgio de Sousa, D. Amélia Pereira Coutinho e o sr. José Pereira, que bisou o Noel de Adam.

Permitimo-nos, porém, observar a nossa discordância em incluir no programa, o prelúdio do «Loehengrin» e o «Encanto da feira Santa» do «Parsifal», que tocados no piano, não poderiam exemplificar a beleza mística das composições, antes, nos pareceram prejudicá-lo.

Muito sensatas e bem explicativas as palavras da abertura do serão, pronunciadas por José Carlos de Sousa.

NOGUEIRA DE BRITO

JÁ SAIU A 7.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profissionalmente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

DOCUMENTOS PERDIDOS

Pede-se António Augusto de Matos, residente na travessa do Pôsso, 18, 1.º que solicitemos à pessoa que tenha achado umas licenças camarárias que perdeu num dos primeiros dias da passada semana, o valor de lhas remeter ou entregar na sua casa ou entregá-las nesta redacção. Essas licenças dizem respeito às seguintes firmas: Paulo Peixoto Valente, Confeitaria Brasil, João Lourenço Ramos, e Adriano Martins de Costa.

NOVIDADES LITERARIAS CAVALGADA DO SONHO E TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00
A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Teatro São Luiz

HOJE
Telef. C. 224

SURPRESAS DO DIVORÇO

Preços populares PROMENOIR, 1850 GERAL, 1800 LUXUOSOS SCENARIOS

No Tribunal de Torres Novas

dois beleguins agrediram uma pobre velha depois de condenada iniquamente

TORRES NOVAS, 17. — Só há dias é que tivemos conhecimento dum caso ocorrido em Junho no tribunal desta comarca e digno de menção. A fim de elucidarmos os leitores imediatamente nos apressámos a colher premonições que nos habilitasse aclarar o caso.

Foi a sr.ª Maria da Piedade, de 54 anos, vendeira de fruta, que à porta da sua residência nos narrou o caso, da forma que segue:

— Aqui há tempos — principiou a nossa entrevistada — a mulher do oficial de diligências Francisco Marques insultou minha filha e eu devolvi-lhe o insulto. Depois da troca de algumas palavras azedas a discussão terminou. Dias depois soube que estava processada...

— Mas diga-nos, o que se passou no tribunal.

— Já lá vamos. Para chegarmos ao tribunal foi mister explicar o que deu origem à sua intervenção.

E Maria Piedade prosseguiu:

— Como deve saber o julgamento foi a porta fechada, como é uso nestes casos. O processo continha palavras que em nunca proferi, que nem sequer me passaram pela mente.

— Depois do juiz me lê a sentença que me condenou em 12 dias de prisão e 6 de multa a 6\$00 eu agradeci-lhe. O juiz pregunto-me porque lhe agradecia. Respondi-lhe:

— Porque V. Ex.ª não me destruiu como era desejo das testemunhas.

— Não se passou mais nada?

— O melhor está ainda por contar, recordou Maria Piedade.

— Quando o juiz recolheu ao gabinete o oficial de diligências Pereira introduziu-me no gabinete onde se encontrava o seu colega Marciiano. Esta numa atitude arrogante insultou-me e agradou-me com uma bofeteada.

— E o que se passou depois?

— Queixei-me imediatamente ao juiz que me disse: vê-se embora...

— Antes que eu saisse os oficiais expulsaram-me violentamente da sala, com tal brutalidade que ia caindo nas escadas.

— Conheci o herói?

— Foi o beleguim Pereira, o mesmo que, quando eu já estava na rua e me queixava a minha filha, furioso torceu-me um braço e deu-me um soco do qual conservo este vestígio, a pesar de já terem decorrido 29 dias.

— E a nossa interlocutora mostrou-nos o braço contundido que ainda conserva visivel a equimose.

— Para fechar a entrevista:

— Não julgue que ficou por aqui a selva das mesmas algozes, diz-nos ainda a nossa entrevistada.

— Deram-me um violento empurrão que por pouco não cai no chão.

— Retiramo-nos. Estava cumprida a nossa missão. Os leitores que façam os comentários merecidos não se esqueçam de que Maria da Piedade em resultado das agressões e dos insultos, teve que recolher ao hospital civil onde se conservou 19 dias sob os cuidados do dr. Almeida e Gómez.

— Casablanca, 18. — Os muros tentaram de novo, sem êxito, sabotar e incendiar o campo de aviação francesa.

Diz-se que Ab-del-Krim não conseguiu os reforços precisos...

TANGER, 18. — Assegura-se que Ab-del-Krim não conseguiu obter dos djebals e dos andarins os contingentes que lhes solicitou. Os rifeños sofreram importantes perdas nos combates ultimamente travados no Ouergha.

... mas apodera-se do caminho de ferro para Fez

TANGER, 18. — O caminho de ferro estratégico entre Fez e Aïnach é em poder dos rifeños numa extensão de seis quilómetros, tendo sido capturadas as guarnições de alguns pequenos postos franceses

A guerra de Marrocos

Os rifeños organizam a sua aviação

TANGER, 18. — Nos arredores de Xexuão assimala-se o inicio dos trabalhos preparatórios dum campo de aviação rifeño, que se dizem dirigidos por aviadores alemães.

Os muros continuam na sua ofensiva sobre Fez, fazendo-se preceder dum vasto movimento de rebelião das tribus ainda fiéis aos franceses.

No campo francês de aviação de Casablanca foram descobertas novas tentativas de destruição.

Dizem que a situação melhora para os franceses

TANGER, 17. — A situação melhorou na língua de batalha francesa, no sector de Ouezzan, onde o inimigo sofreu enormes perdas, o mesmo lhe sucedendo na língua do Ouergha, onde abandonou 250 mortos e feridos em torno da posição de Kellanasless.

Abd-el-Krim pediu aos djebals o envio urgente de vários contingentes para combater os franceses, o mesmo tendo solicitado dos andarins, que ainda não respondeu.

— Mas diga-nos, o que se passou no tribunal.

— Já lá vamos. Para chegarmos ao tribunal foi mister explicar o que deu origem à sua intervenção.

E Maria Piedade prosseguiu:

— Como deve saber o julgamento foi a porta fechada, como é uso nestes casos. O processo continha palavras que em nunca proferi, que nem sequer me passaram pela mente.

— Depois do juiz me lê a sentença que me condenou em 12 dias de prisão e 6 de multa a 6\$00 eu agradeci-lhe. O juiz pregunto-me porque lhe agradecia. Respondi-lhe:

— Porque V. Ex.ª não me destruiu como era desejo das testemunhas.

— Não se passou mais nada?

— O melhor está ainda por contar, recordou Maria Piedade.

— Quando o juiz recolheu ao gabinete o oficial de diligências Marciiano. Esta numa atitude arrogante insultou-me e agradou-me com uma bofeteada.

— E o que se passou depois?

— Queixei-me imediatamente ao juiz que me disse: vê-se embora...

— Antes que eu saisse os oficiais expulsaram-me violentamente da sala, com tal brutalidade que ia caindo nas escadas.

— Conheci o herói?

— Foi o beleguim Pereira, o mesmo que, quando eu já estava na rua e me queixava a minha filha, furioso torceu-me um braço e deu-me um soco do qual conservo este vestígio, a pesar de já terem decorrido 29 dias.

— E a nossa interlocutora mostrou-nos o braço contundido que ainda conserva visivel a equimose.

— Para fechar a entrevista:

— Não julgue que ficou por aqui a selva das mesmas algozes, diz-nos ainda a nossa entrevistada.

— Deram-me um violento empurrão que por pouco não cai no chão.

— Retiramo-nos. Estava cumprida a nossa missão. Os leitores que façam os comentários merecidos não se esqueçam de que Maria da Piedade em resultado das agressões e dos insultos, teve que recolher ao hospital civil onde se conservou 19 dias sob os cuidados do dr. Almeida e Gómez.

— Casablanca, 18. — Os muros tentaram de novo, sem êxito, sabotar e incendiar o campo de aviação francesa.

Diz-se que Ab-del-Krim não conseguiu os reforços precisos...

TANGER, 18. — Assegura-se que Ab-del-Krim não conseguiu obter dos djebals e dos andarins os contingentes que lhes solicitou. Os rifeños sofreram importantes perdas nos combates ultimamente travados no Ouergha.

... mas apodera-se do caminho de ferro para Fez

TANGER, 18. — O caminho de ferro estratégico entre Fez e Aïnach é em poder dos rifeños numa extensão de seis quilómetros, tendo sido capturadas as guarnições de alguns pequenos postos franceses

FESTA DA ALEGRIA

Realiza-se quinta feira no Coliseu dos Recreios

... mas apodera-se do caminho de ferro para Fez

TANGER, 18. — O caminho de ferro estratégico entre Fez e Aïnach está em poder dos rifeños numa extensão de seis quilómetros, tendo sido capturadas as guarnições de alguns pequenos postos franceses

Sociedades de recreio

Grupo Dramático Lisbonense. — Hoje, às 21 horas, baile. Concentração 24 de Agosto. — Hoje, baile a dueto.

TIVOLI

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES DE
A ESTRELA DE ISRAEL

Superprodução de Sacha Film
Formidável reconstituição do Egito do tempo dos Faraós

Orquestra aumentada

UMA PANORAMICA
UM FILM DE SPORT
UMA REVISTA DE ELEGANCIAS

Na matinée tem entrada gratuita as crianças acompanhadas

Na próxima semana:

ISABEL TUDOR

Grande film histórico da Inglaterra do século XVI

ÀS 8 3/4 HORAS DA NOITE

'A Batalha' na província e arredores

Cascais

Os exploradores de turistas são este ano roubados...

CASCAIS, 16. — A colónia hespanhola que todos os anos frequenta Cascais em grande número, não veio este ano.

Farta de ser roubada pelos comerciantes de tóda a espécie, vai este ano para outro lado.

Os proprietários também pedem rendas fantásticas, mas passarão pelo desgosto de verem as casas às moscas.

Bem fazem *nuestros hermanos* em assim proceder. E' a melhor forma de dar um tiro aos

MARCO POSTAL

Setúbal—J. C. Sabino—Recebemos carta e 18\$00 para as duas assinaturas da *Renovação*. Seguem exemplares pedidos.

Évora—F. J. Cascalho—Recebemos 36\$00. Segue a *Renovação* para os 4 novos assinantes.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	1	12	19	26	Aparece às 5,26
S.	0	13	20	27	Desaparece às 20,00
T.	1	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	15	22	29	Q. C. dia 1,15 8,12
Q.	2	16	23	30	L. C. dia 0,10 3,33
S.	3	17	24	31	Q. M. dia 2,23 5,40

ESPECTÁCULOS

TEATROS

5º Lulu—A's 20,45 e 22,15—«Surprezas de Diário».

Racionel—A's 21,30—«Tio de minh'alma».

Politeama—A's 21,30—O Leão da Estrela.

Itinerante—A's 21,30—O Lôdo.

Trindade—A's 21,30—«Biosa Pátria».

Eden—A's 21,30—A cidade onde a gente se abriga.

Mario Vitoria—A's 20,30 e 22,15—«Rataplan».

Casino de Sintra—A's 21,30—Concerto para canora Genevieve Wix.

Juniper—A's 21,30—«irmãs e «A Cidade».

Sábio Teatro—A's 20,30—Variedades.

1º Vidente (a Graciosa)—A's 20—Animatógrafo.

Brasileiro Parque—Todas as noites—Concertos e ilustrações.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Sélio Central—Cinema

Condes—Sélio Ideal—Sélio Lisboa—Sociedade Pro

motorista e Educação Popular—Cine Paris—Cine U

perito—Chanteclet—Tivoli—Torreto.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Tangajink» são hoje expedidas muitas postais para Las Palmas e Angola, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências ordinárias às 15 horas, e as registadas recebem-se até às 13 horas, e pelo paquete «Zelandia» para Pernambuco, Pará, Manaus, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, efectuando-se a última tiragem às 9 horas.

REUMATISMO

Sifilitico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

E inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

“Reumatina”

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Ró Anti-bienorrágico

É o mais poderoso combatente das hemorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes;

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

MADEIRAS DO BRASIL

AS MAIS BARATAS

ADRIANO TELES, LTD.—Largo de São Domingos, 12

CALÇADO

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

SÓ NA

Sapataria do Calhariz

Sortimento de calçado em todos os gêneros

Calçado para sport, bolas para futebol, artigos para caça, etc.

Esta casa desafia toda a concorrência em preços

33, Largo do Calhariz, 33—LISBOA

19-7-1925

venção contra mim ou comprar a tua aliança. Por mais perigosa que ela possa ser para mim, aceito-a tal como tu me a oferes; volto a São Dimis a vêr em que tudo pôr; quando a minha presença seja necessária em Paris, escreve-me logo, porque virrei sem demora. Peço-te um segredo absoluto sobre a nossa entrevista.

— Os nossos comuns interesses exigem esse segredo.

— Adeus, Marcel.

— Adeus, senhor.

E o rei de Navarra, embuçando-se até aos olhos, saiu de casa do preboste dos comerciantes. Este seguia-o com o olhar e disse consigo depois da partida de Carlos o Mau:

— Necessidade fatal! concorrer para a elevação desse homem! e todavia assim é mister! Esta muñanca de dinastia pôde ajudar-me a salvar a Galia, se amanhã o regeu lidar a minha última esperança...

Sim, Carlos o Mau: para usurpar e conservar a coroa, entrará à força naquela larga via de reformas que só elas podem aliviar o peso que esmagava o povo das cidades e sobretudo o povo dos campos! O' pobre plebe rústica! tão paciente no teu matrício secular! O' pobre Jacques Bonhomme! como te chama a nobreza, no seu insolente e feroz orgulho, aproxima-se o teu dia de libertação! Unido pela primeira vez numa causa comum com a burguesia e o povo das cidades, vencemos se esse Carlos o Mau, por mais mau que seja, se atreve a desvairar-se do caminho por onde deve trilhar!

Nesta ocasião tendo tocado um sino, Marcel estremeceu e acrescentou: — Apenas terei tempo de me dirigir ao convento dos Franciscanos a fim de preparar os nossos amigos para amanhã...; a medida é terível! mas legítima como a lei de talião...; lei surema e necessária nestes tempos desastrosos em que a violência não pode ser combatida, nem vencida se não oca violência! Ah! que o sangue derramado

caia sobre aqueles que, excitando o povo, provocaram estas lutas impias!

E dizendo isto, o preboste dos comerciantes desceu a escada da sua loja para ir ter com sua mulher, sua sobrinha e Mahiet o Advogado, que segundo o desejo de Marcel ceavam enquanto esperavam por ele.

Guilherme Caillet, depois de ter descançado na habitação de Rufino Quebra Tudo, tinha-o acompanhado ao convento dos Franciscanos, onde se retinha uma multidão avida de ouvir o preboste dos comerciantes. Os Franciscanos, ordem monástica pobre, invejando profundamente as outras ordens e o alto clero, tão esplendidamente dotado, tinham-se enfileirado no pátio da cidade contra a corte; a grande sala do seu convento servia habitualmente de lugar de reunião às assembleias populares. Rufino, que conhecia o irmão porto-riquense, alcançou para si e para o seu companheiro a permissão de esperar Marcel no refeitório, que ele deu via a travessar antes de se dirigir à sala onde falaria ao povo.

Esta sala imensa, de paredes abobadas de pedra, unicamente alumiada por duas alâmpadas que ardiam numa espécie de tribuna colocada em uma das suas extremidades, já se atulhava de uma turva impaciência da qual as primeiras filas eram as únicas que estavam vivamente esclarecidas; as outras, conforme a distância em que estavam do estrado, assim ficavam numa meia obscuridade que, na outra extremidade da sala, se mudava quase em trevas. O auditório compunha-se de burgueses e de artistas, dos quais o maior número usavam de chapéus metade encarnados metade azuis, cores adaptadas pelo partido popular, e duns laços com esta divisa: *A bon fin*.

Os dois enterrados que tinhamrido logo durante o dia, e cujo contraste era tão evidente, serviam de texto às conversações da reunião ruidosa e animada; os espíritos menos prespicazes presentiam a iminência de uma crise decisiva e de um conflito inevitável entre o

partido da corte e o partido popular, representados, um pelo regente, outro pelo preboste dos comerciantes.

Por isso, a chegada desse último era esperada com tanta impaciência como ansiedade. No fim de poucos instantes, entrou Marcel por uma porta praticada junto da tribuna, e acompanhado de muitos vereadores, entre os quais se achava João Maillart; depois seguiriam Mahiet o Advogado, Rufino Quebra Tudo e Guilherme Caillet. Este último conversava por muito tempo com Mahiet e o preboste dos comerciantes antes da sua entrada na grande sala. Aclamações entusiásticas saudaram a chegada dos vereadores. Marcel subiu ao estrado, ao pé do qual ficou Maillart; os outros vereadores sentaram-se não longe de Marcel, que logo se exprimiu desse modo no meio do profundo silêncio que pouco a pouco se sucedeu:

— Meus amigos, o momento é grave; não haja desâimo, mas também não nos iludamos. O regente e a corte depozeram a máscara! Esta manhã, ao nosso protesto solene contra a sentença iníqua e sanguinolenta que, em desrespeito das leis, caiu sobre Perrin Macé, a corte respondeu segundo o entero de João Baillot: é um desafio; aceitemos o desafio.

— Sim! sim exclamou a turba, o regente e os seus cortezas não nos farão recuar!

— Um momento assustado pela energia da assembleia nacional, o regente tinha concedido, e jurado o cumprimento das reformas! os deputados das cidades da Gália, reunidos em Paris nos estados gerais, deviam, com o seu concurso, do regente, regrer sabiamente e paternalmente, o país todo inteiro, como os magistrados das comunas regem as cidades. Deste modo acabariam a tirania real e feudal, as produções ruinosas, a moeda falsa, a justiça venal, os impostos vexatórios, as taxas arbitrárias, os tributos em nome do rei e dos príncipes, os odiosos privilégios para a Igreja e para a nobreza; finalmente esses reitos senhoriais infames, horríveis, que sublevam o coração e revoltam a razão. Sim, eis o que nós queremos!

riamos; mas, decididamente, o regente e a corte não querem!

— Sangue e mortandade! é mister que o queiram! exclamou Maillart com uma voz trovejante, levantando-se e gesticulando; aliás, nós os mataremos a todos, desde o regente até ao último dos seus cortezas! Deixemo-nos de criminosa fraqueza! à morte os traidores! as armas!

— Grande número de vozes na multidão aplaudiram a exaltação das palavras de Maillart; e o homem do chapéu debruado, que estava nesta reunião assim como se tinha encontrado de manhã no funeral de Perrin Macé, começou a dizer:

— Sim! meus amigos, como é intrépido o senhor Maillart! não fala senão de sangue e de mortandade! O senhor Marcel, pelo contrário, parece sempre recuar comprometer-se. Não me admira, porque se diz que secretamente ele abraçou o partido da corte.

— Quem!... ele!... trair o povo de Paris!... responderam muitas vozes! ó velho! você está a soñar!

— Finalmente, meus amigos, vejam; Marcel cala-se e não responde ao chamamento as armas tão afoitamente pronunciado pelo senhor Maillart.

— Oh! como quere você que Marcel fale com toda esta bulha? — Não o poderiam ouvir! e nós desejamos saber o que ele diz. Mas silêncio! fala; ouçamos!

— Não! haja criminosa fraqueza, replicou Maillart; mas também não haja cega vingança!... Ah! será mister que em breve talvez este grito: ás armas! se ouça dum a outra extremidade da Gália; tanto nas cidades como nos campos!

— Oh! que nos importam os campos? exclamou Maillart. Tratemos dos nossos negócios nós mesmos; e depressa e quanto mais cedo melhor arregacemos as mangas e descarregemos golpes sem dô!

— Amigo, a tua coragem torna-te arrebatado, disse Marcel a Maillart com acentuação de censura cordial.

— Acaso a ventura e a liberdade devem ser o privi-

A BATALHA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros. Grande sortimento em chapéus, laços e meias em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO

Chapéu moejo: novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º

— ESTABELECIMENTOS

Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiares de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 58

FÁBRICA DE BONETS

Chapéu modelo Juarez (Exclusivo)

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCografia

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

Pedras para isqueiros

nos quioscos, nos melhores e nos piores, tubos, rodas, pipas, fundos e molas de aço, tudo o que é preciso para fazer isqueiros.

Venda em grandes quantidades aos melhores

negocios de fábricas e lojas.

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

A BATALHA

PROBLEMAS DE CLASSE

Os empregados

de Escritório ante a C. G. T.

Tudo no mundo se despenhou depois da última guerra. Aquela guerra, que levou da vida milhões de criaturas em plena mocidade, parece ter imprimido um movimento forte a todas as manifestações universais. A gente pôe-se a encarar os factos, sob todos os seus aspectos: económicos, políticos e sociais, e não atina com a velocidade da sua realização. Parece que o próprio eixo da terra se deslocou.

O tempo, na sua inclemência, sujeita-nos a rajadas de calor mais fortes, ou fios mais cortantes, em deslocação ao período que passa; e nós concluímos que, ou perdemos a noção exata das coisas, ou uma anormalidade em tudo se registra.

Mas, como no tempo, na vida, nas nossas relações com o mundo, tudo sofreu.

As forças exploradoras do trabalho humano refinaram de perversão. Antes, o patrão mantinha, ainda, embora vaga, uma feição humana. Não ia longe a sua solidariedade para com o servo, mas dispensava-lhe uma certa assistência. O grito de "Salve-se quem puder", que as vítimas lançaram na frente da batalha, quando massas mortíferas de metralha sobre elas caíam, parece ter ecoado em todos os campos, e, desde então, verificaram que a luta não podia ficar restrita aos indivíduos dumha determinada função, que se aliamaram entre si para opor barreira à engrenagem que os esmagava, sob o ponto de vista económico. Notámos que os campos se haviam estremecido. Dum lado estavam refinados todos aqueles que exploravam a produção, protegidos pela ignorância dos produtores, que até lhes forneciam as armas com que eram subjugados a condição de escravos; do outro, dispersos pelo espanto e impreparação, a grande massa trabalhadora.

Desde então a luta tornou-se mais intensa, e quer num quer outro reduziu-se radiou a necessidade de estreitar laços de solidariedade, já não só entre os indivíduos dumha mesma classe, mas de todas as classes entre si.

Fortaleceram-se os organismos confederados do proletariado, criaram-se no campo oposto ignais aparelhos de luta. No comércio simples, na própria indústria se vem estabelecendo essa unidade, para opor resistência à concorrência, e ao espírito de justiça que as classes escravizadas atingem e porque se revoltam, exigindo que as tratem num justo pé de igualdade até que se possa romper com todos os privilégios, garantindo a sociedade a cada um o que lhe for necessário e exigindo-lhe do seu esforço que lhe seja possível produzir.

E quando assim todos vêm encarando o problema social no campo da luta não faz sentido que a Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório de Lisboa, medindo mal o seu gesto, venga lançar um plebiscito à classe para saber se esta se deve conservar integrada na C. G. T. Admitiu-se o contrário.

Por isso lutamos, e lutaram connosco alguns dos que hoje fazem a proposta e lançam o plebiscito. Foi com alegria que nos integrámos na luta sindical e é com tristeza que agora vimos tratar este assunto, tendo de terça-feira, enquanto forças nos restarem, para que não seja levado à prática um semelhante recuo da nossa classe.

Sabemos qual o nosso lugar quando o mundo torna a sua face normal e humana. Nós, no imenso escritório universal, seremos aquelas que recolhem, por números, toda a produção, que regularizam todo o consumo que indicam as possibilidades em todos os campos de energia e saber humano. Essa será muito latamente a nossa função, e desde já queremos iniciar o nosso trabalho. Quando tudo desmorne nós estaremos de pé para indicar aos outros do que será necessário lançar mão para atenuar o caos natural que sucede a todos os grandes movimentos. Se assim não pôde deixar de ser, e confessamos todos os que vemos na associação de classe um pouco mais do que um orgão pelo qual vamos obter mais proveitos, no sentido económico da palavra, como e para quê propor ou sequer pensar numa fuga do túnico reduto onde devemos estar e para onde devemos chamar os pusilanimos?

Mas — o motivo do plebiscito não será uma fuga — nos dirão. Que circunstâncias de carácter financeiro, aliadas a uma necessidade de desviar para outros trabalhos de feição organizadora o dinheiro que vai para a C. G. T. norteará aquela proposta.

Procuramos entender esse critério e sim, plenamente não o achamos inteligente, quando lhe atribuímos aquela bôa fé que tantas vezes nos tem levado a erros. Exigem de nós todos os sacrifícios que fazemos de bom grado, mas não tirem ao organismo a única razão de existir: como Associação de Classe.

Prosseguir por esse caminho é matar um organismo.

Na vida tudo é relativamente igual, todos os órgãos se completam. Com fincões diferentes, embora, todos obedecem a um centro para onde convergem todas aonde irradia ação intelectual; por isso, sendo a classe dos empregados de escritório para a sociedade um organo de função indispensável não se compreende que deixe de estar ligado ao corpo social.

A questão financeira tem muitas outras formas de se resolver quando se esteja disposta a trabalhar pelos organismos, e a Associação de Classe dos Empregados de Escritório conta no número dos seus associados indivíduos bastante inteligentes que não precisarão de certo de recorrer a esse expediente, digno sómente de qualquer dona de casa a quem se lhe entolha para sair de qualquer dificuldade única e simplesmente pelo penhor.

Política, se política há nesse gesto, é preciso baní-la do nosso meio,

J. Campelo

UM TRAIDOR

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte comunicado:

À comissão administrativa da Secção Profissional dos Mecânicos em Madeira, em sua última reunião, resolveu irradiar de sócio o baixo delecto Manuel Augusto de Vasconcelos Silveira, lembrando a todos os mecânicos em madeira que lhe devem descer a máxima desgraça.

PELA ORGANIZAÇÃO METALÚRGICA

A missão dos sindicatos na presente época

Longo vai a época em que os trabalhadores podiam esperar descansadamente para o dia de amanhã que o patrão, o explorador de sempre, lhe viesse no dia seguinte dar mais uns miseráveis vintens, que iam assim entreter um pouco mais a miséria do operário e também de sua família, porque na grande maioria é ele sempre quem com os seus parcos ganhos mantém a sua profissão.

Mas os tempos fôraram decorrendo, outros métodos fôraram adoptados na indústria sempre na mira do maior interesse e novas fórcas fôraram tomadas pelos trabalhadores.

A medida que a indústria ia servindo-se do progresso para seu desenvolvimento com maquinaria mais aperfeiçoada, o industrial ladravas ia retendo as já conquistadas regalias e preparava-se para resistir e evitadamente contar com a servidão dos seus escravos — os operários.

No entanto a falange de militantes vê que o patronato se unia para enfrentar uma possivel luta reuniu em volta de si os seus camaradas de trabalho e servidão e decidiram reclamar o que de direito lhes pertencia como produtores e homens conscientes, e assim se formaram os sindicatos.

E certo que nem sempre os mesmos têm correspondido aos desejos dos mais conscientes mas a culpa tem sido daqueles que fôraram astados andam do seu baluarte de fesa — o Sindicato — entrando tudo a mercê de alguns — sempre os mesmos — abandonando os seus verdadeiros direitos como homens e produtores, e prejudicando os seus, de quem elas são o único sustentáculo pelo seu vigoroso braço de artifício.

O momento que passa já não é de palávitivos, as realidades têm de ser enfrentadas; para isso é necessário que os metalúrgicos se competem de que no seu respetivo sindicato e só lá, juntos uns com outros, sem ódios nem paixões, cada um dando o pouco que sabe, que junto fará muito, que se tratará da sua situação económica, moral e física, tanto no enfrentamento do constante aumento do custo de vida, como nas horas de trabalho, higiene nas oficinas, trabalho dos menores, mulheres, etc., tudo quanto se prenda com a sua situação de homem livre e produtor; para isso é preciso aparecer sempre que é chamado, não só por avisos especiais distribuídos pelas oficinas como também pelos constantes comunicados no nosso órgão *A Batalha*; e porque se revoltam, exigindo que as tratem num justo pé de igualdade até que se possa romper com todos os privilégios, garantindo a sociedade a cada um o que lhe for necessário e exigindo-lhe do seu esforço que lhe seja possível produzir.

E quando assim todos vêm encarando o problema social no campo da luta não faz sentido que a Direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório de Lisboa, medindo mal o seu gesto, venga lançar um plebiscito à classe para saber se esta se deve conservar integrada na C. G. T.

Admitiu-se o contrário.

Por isso lutamos, e lutaram connosco alguns dos que hoje fazem a proposta e lançam o plebiscito. Foi com alegria que nos integrámos na luta sindical e é com tristeza que agora vimos tratar este assunto, tendo de terça-feira, enquanto forças nos restarem, para que não seja levado à prática um semelhante recuo da nossa classe.

Sabemos qual o nosso lugar quando o mundo torna a sua face normal e humana. Nós, no imenso escritório universal, seremos aquelas que recolhem, por números, toda a produção, que regularizam todo o consumo que indicam as possibilidades em todos os campos de energia e saber humano. Essa será muito latamente a nossa função, e desde já queremos iniciar o nosso trabalho. Quando tudo desmorne nós estaremos de pé para indicar aos outros do que será necessário lançar mão para atenuar o caos natural que sucede a todos os grandes movimentos. Se assim não pôde deixar de ser, e confessamos todos os que vemos na associação de classe um pouco mais do que um orgão pelo qual vamos obter mais proveitos, no sentido económico da palavra, como e para quê propor ou sequer pensar numa fuga do túnico reduto onde devemos estar e para onde devemos chamar os pusilanimos?

Mas — o motivo do plebiscito não será uma fuga — nos dirão. Que circunstâncias de carácter financeiro, aliadas a uma necessidade de desviar para outros trabalhos de feição organizadora o dinheiro que vai para a C. G. T. norteará aquela proposta.

Procuramos entender esse critério e sim, plenamente não o achamos inteligente, quando lhe atribuímos aquela bôa fé que tantas vezes nos tem levado a erros. Exigem de nós todos os sacrifícios que fazemos de bom grado, mas não tirem ao organismo a única razão de existir: como Associação de Classe.

Prosseguir por esse caminho é matar um organismo.

Na vida tudo é relativamente igual, todos os órgãos se completam. Com fincões diferentes, embora, todos obedecem a um centro para onde convergem todas aonde irradia ação intelectual; por isso, sendo a classe dos empregados de escritório para a sociedade um organo de função indispensável não se compreende que deixe de estar ligado ao corpo social.

A questão financeira tem muitas outras formas de se resolver quando se esteja disposta a trabalhar pelos organismos, e a Associação de Classe dos Empregados de Escritório conta no número dos seus associados indivíduos bastante inteligentes que não precisarão de certo de recorrer a esse expediente, digno sómente de qualquer dona de casa a quem se lhe entolha para sair de qualquer dificuldade única e simplesmente pelo penhor.

Política, se política há nesse gesto, é preciso bani-la do nosso meio,

J. Campelo

Infelicidade dum jornalista

Uma fantástica entrevista sobre a greve dos condutores de carroças

Sobre a greve dos condutores de carroças inseria ontem *A Epoca* uma entrevista com um pseudo-carreiro, que é um acervo de insídisias, as mais descabidas, vomitadas sobre o sindicato respectivo.

Damos aos nossos leitores um bocadinho da entrevista para saborear, pois que é delicioso.

O sindicato lança contribuições?

— E assim mesmo: Patrão que não pague pelo carroceiro não pode trazer carroças na rua.

— Mas como é isso: a greve é por dinheiro ou por causa do horário?

— Ela foi declarada por causa do horário, mas, como alguns patrões aceitaram, eles querem agora também que se pague.

Francamente, só pela cabeça dum jesuíta da *A Epoca*, con quanto a época dos jesuítas já tenha passado, poderia passar a bíblica ideia — que Deus nos perdoe — de inventar tão estapafúrdia calúnia.

O sindicato dos condutores de carroças reclamou apenas o cumprimento do horário de trabalho. Nada mais. Não exigiu nunca dos patrões qualquer espécie de contribuição.

O movimento dos condutores de carroças, para o estabelecimento na sua classe de horário máximo de oito horas de trabalho, sendo absolutamente justo, é dos que sem grande dificuldade alcançou quase totalmente os seus objectivos.

— Mais de duzentos patrões se comprometem

considerando que dos 15.000 metalúrgicos existentes em Lisboa, apenas uns escassos 2.000 são associados;

Considerando que contemporaneamente se não concebe o direito a nenhum proletário de se negar a contribuir com a sua parte, quer moral quer material, para o sindicato, pois que este pela sua constituição abrange a todos os componentes da mesma indústria;

Considerando que os militantes que compõem a psicologia da massa operária constatam no entanto a existência na nossa indústria de elementos que não são sindicados devido à sua inconsciência, uns, devido ao seu grau de maldade, outros, e outros ainda por não terem tido quem lhes indicasse o bom caminho;

Considerando mais que se apresentam por vezes no nosso sindicato assuntos que requerem solução imediata e ela se não verifica por virtude de muitas vezes essa solução implicar a nomeação de comissões, que algumas das vezes não chegam a constituir-se, por a natureza da profissão dos militantes que em geral as compõem ser incompatível com a perda de horas ou dias nas respectivas oficinas;

Considerando ainda que vários camaradas há que se negam a fazer parte dessas comissões sob o pretexto embora velado, mas um tanto razoável de que a sua inclusão implicaria um olhar vêoso por parte dos industriais ou proprietários da oficina onde trabalham;

Considerando que essas anomalias só servem simplesmente para desgostar uns e criar uma categoria de maldizentes que, embora sem a menor noção do que sejam os princípios ideológicos que norteiam a organização operária sindical, sentem todavia a necessidade de que os seus interesses e objectivos imediatos sejam tratados com a brevidade necessária.

Os abaixo assinados num direito legítimo e ao abrigo do artigo 7.º dos estatutos do sindicato, do qual fazem parte submetem a apreciação da sua assembleia geral, em harmonia com as considerações supra, e ainda confiados que uma vez na prática, obviamente um tanto às anomalias que se tecem verificadas, os delegados e só lá, juntos uns com outros, sem ódios nem paixões, cada um dando o pouco que sabe, que junto fará muito, que se tratará da sua situação de homem livre e produtor; para isso é preciso aparecer sempre que é chamado, não só por avisos especiais distribuídos pelas oficinas como também pelos constantes comunicados no nosso órgão *A Batalha*; e porque se revoltam, exigindo que as tratem num justo pé de igualdade até que se possa romper com todos os privilégios, garantindo a sociedade a cada um o que lhe for necessário e exigindo-lhe do seu esforço que lhe seja possível produzir.

Conclusão 1.º — Que seja votada em príncipe a sindicalização obrigatória de todos os metalúrgicos da área abrangida pelo sindicato de Lisboa.

Conclusão 2.º — Que para pôr-se em execução a matéria contida na conclusão anterior se principe por distribuir propostas para todos as oficinas por intermédio dos vários delegados, os quais farão a propaganda necessária concernente à sua total sindicalização.

Conclusão 3.º — Que esses delegados ou outros camaradas dêem parte a um membro da comissão administrativa, especialmente nomeado para esse efeito, de todos os nomes, profissões e oficinas onde trabalhem aqueles que não querem sindicar-se, os quais serão inscritos num livro especial.

Conclusão 4.º — Que seja nomeado um delegado efectivo ao qual o sindicato pague diariamente o seu ordenado e que compareça onde quer que a sua presença se torna necessária a fim de representar o sindicato e defender regalias conquistadas ou a conquistar pelo mesmo, bem como encarregar as entidades competentes quando encarregado pelo seu sindicato competente.

Conclusão 5.º — Que seja votado igualmente em princípio o aumento de cota sindical para 1800 (um escudo) semanal.

Conclusão 6.º — Que a comissão administrativa fique incumbida de enviar a todos os actuais sindicados uma circular-pétala a fim de que os mesmos se manifestem cabal e positivamente quanto ao estabelecido na conclusão anterior.

Conclusão 7.º — Que a comissão administrativa, ao redigir a citada circular, nela indique as vantagens que julgar convenientes e realizáveis, pelo facto de supracitado aumento.

Conclusão 8.º — Que igualmente a comissão administrativa traga à assembleia geral o resultado desse plebiscito. Lisboa, 7 de Julho de 1925. — Quirino Moreira, José Gonçalves.

meteram ante o sindicato a respeitar o regulamento do horário de trabalho. As casas que ainda o não fizeram, e cujo pessoal está em greve, são um número insignificante.

Escusa a *A Epoca* de perder o seu tempo com fantasiosas entrevistas para criar mau ambiente ao movimento, porque ele está já moralmente ganho, muitíssimo pouco faltando para o estar absolutamente.

Lamentamos sinceramente que o ilustre-jornalista que confeccionou a entrevista, tivesse sido tão infeliz.

Uma simpática festa a favor da escola central da Construção Civil

Realiza-se hoje, pelas 21,30 precisas, no Salão de Festas da Construção Civil; uma festa, em que toma parte o grupo dramático "Solidariedade Operária", representando-se o drama, em três actos, "Scenas de miséria". Representa-se também um dueto social de Jorge Mateus e José Marques.

Far-se-ão ouvir cultivadores da canção nacional do "Grupo Precursors do Fado". A festa é abrilhantada pelo grupo musical "O Cravo".

— O fado é assim: a greve é por dinheiro ou por causa do horário?

— Ela foi declarada por causa do horário, mas, como alguns patrões aceitaram, eles querem agora também que se pague.

Francamente, só pela cabeça dum jesuíta da *A Epoca*, con quanto a época dos jesuítas já tenha passado, poderia passar a bíblica ideia — que Deus nos perdoe — de inventar tão estapafúrdia calúnia.

O sindicato dos condutores de carroças reclamou apenas o cumprimento do horário de trabalho. Nada mais. Não exigiu nunca dos patrões qualquer espécie de contribuição.

O movimento dos condutores de carroças, para o estabelecimento na sua classe de horário máximo de oito horas de trabalho, sendo absolutamente justo, é dos que sem grande dificuldade alcançou quase totalmente os seus objectivos.

— Isto é mais de duzentos patrões se comprometem